

## O TEMPO NA GEOGRAFIA

---

*Regina Salvador*

“The totality of space is the Universe, and the totality of time is the history of the Universe”

P.C.W.Davies

O conceito de tempo está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento do pensamento humano, nas suas produções humanísticas e científicas.

Encontramo-lo já nos textos sagrados das “*grandes religiões do Livro*”, como por exemplo, no “*Eclesiastes*” do Antigo Testamento.

O “tempo da criação”, a “cronologia” e a “duração” constituem categorias, tanto das Ciências Formais como das Ciências da Natureza.

O tempo na Geografia é também um produto das categorias gerais acima mencionadas. O impacto do tempo na física e na cosmologia reflecte-se na construção teórica do meio ambiente.

Por seu turno, a reflexão sobre o Homem e o espaço contribuiu para o aprimoramento dessas mesmas teorias gerais.

De Eratóstenes a Mercator, a noção de “distância” influenciou, por sua vez, o conceito de duração.

A revolução da Teoria da Relatividade veio corroborar as hipóteses dos pré-socráticos e dos autores da filosofia clássica alemã (desde o geógrafo Kant até ao filósofo da história, Hegel).

## O Tempo e o Espaço

Como já referido acima, a produção humana nas suas formas societaárias, inclui os conceitos de “tempo” e de “espaço” como matrizes do existir humano. O filósofo Samuel Alexander escreveu que *“os problemas vitais dependem da resolução da questão do espaço e do tempo e de como eles se relacionam”*.

Uma das características centrais da nossa civilização de inspiração helénica, judaica e cristã é a introdução do conceito de “tempo histórico”, entendido de forma dramática, isto é, a realização de uma trajectória com objectivos pré-determinados e um projecto explícito.

O existir humano, na nossa civilização, é entendido como “devir”.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset afirmou de forma hiperbólica que “o homem não tem natureza. O que ele tem é história”.

Esta polémica visão de Ortega y Gasset não encontra porém apoio em etólogos e ecologistas.

Wolfgang Köhler, em “The Mentality of Apes” diz que, mesmo os primatas mais evoluídos não dispõem de consciência temporal. E o Prof. W. Thorp, fundador da cadeira de Etologia em Cambridge, afirmou que *“a primeira dimensão em que os animais se movem é o espaço”*.

Mas os conceitos de “tempo” e de “espaço” deixaram de possuir um carácter homogéneo no pensamento contemporâneo.

A nossa civilização, ou seja os valores subjacentes aos nossos comportamentos (visão sistémica) têm a sua matriz na cronologia Bíblica.

Para Reinhold Niebuhr, teólogo e filósofo americano – considerado pelo historiador E. H. Carr como um dos três grandes pensadores do século XX<sup>1</sup> – *a “historicidade do Homem está na sua capacidade de transcender o fluxo da natureza”* (a sua própria incluída, interpretaríamos nós).

Ao contrário das outras grandes religiões como o Taoísmo, o Hinduísmo e o Budismo, o Cristianismo é uma cultura eminentemente historicista.

O seu carácter messiânico e soteriológico (salvacionista) sobreterminou a reflexão e a produção teóricas do pensamento ocidental, nomeadamente na filosofia clássica alemã (Kant, Hegel).

O profetismo e a salvação são duas características visíveis nas utopias mundializadas a partir do Ocidente Cristão.

---

<sup>1</sup> Os outros dois autores são Karl Manheim e Peter Drucker.

## **A Ciência do Espaço como Crítica da Visão Uni-Temporal**

A expansão do conhecimento geográfico, o surgimento da etnologia e o conhecimento de civilizações “a-históricas” viriam contrapor-se à visão ingénuo do historicismo das luzes.

Descobrir-se-ia então, que os chamados povos “não históricos” possuíam história, mas a uma escala diferente, mas nem por isso menos importante do que os “Estados Imperiais Europeus”.

A visão de uma História Universal como “o progresso da consciência da Liberdade”, como afirmou Hegel na sua “Filosofia da História”, não era privilégio dos povos europeus, contingentemente vencedores.

Para Hegel, a “História Universal” pressupõe uma “Geografia Universal”, por onde o devir real do espírito faria o seu percurso, iniciando a sua caminhada na China e terminando-a na Prússia.

A contribuição dos geógrafos europeus como Humboldt, Ritter, Huntington e Burton para o conhecimento de outras sociedades seria decisivo para a superação de uma visão uni-linear do tempo. Esta evolução científica teria o seu auge no trabalho de Albert Einstein e na sua teoria da relatividade.

A diversidade do espaço traria novos horizontes para a percepção do que, mais tarde, a “École des Annales” descreveria como “durações”.

O tempo do devir humano não mais seria reduzido à história episódica da cronologia das lutas pelo poder. Introduzir-se-ia a ideia de uma longa duração, de um “tempo espacial” (meio ambiente) e de uma “média duração” dos ciclos económicos.

A crítica espacial, concebida como diversidade ao tempo uni-dimensional teria, por sua vez, a contrapartida na crítica ao determinismo geográfico, concepção mecanicista da acção do meio ambiente sobre as sociedades humanas. Hegel observou que onde “*a geografia tinha produzido Gregos, ele via agora somente Turcos*”.

No entanto, o determinismo geográfico iria encontrar no possibilismo geográfico francês o seu elemento corrector.

Para o historiador Arnold Toynbee a introdução da fórmula “desafio-resposta” seria a solução para o determinismo ingénuo, quer dos geógrafos quer dos “filósofos da História” (concepção unilateral do tempo).

## **A Economia e a Existência**

Como é sabido, a Economia Política clássica, colocada em movimento pela dialéctica hegeliana, constitui segundo Karl Marx, a *“anatomia e a fisiologia das sociedades humanas”*.

Já no século XVIII, os fisiocratas desenvolveram um modelo teórico onde a dialéctica trabalho-recursos naturais é decisiva para explicar a evolução das sociedades.

Em particular para a “Ciência do Espaço”, o cálculo dos custos-benefícios e das utilidades é, mais do que nunca, uma condição necessária de toda e qualquer pretensão de cientificidade. Como afirma Raymond Aron: *“A economia é uma categoria fundamental, uma dimensão da existência individual ou colectiva”*.

Como já referimos, mesmo historiadores como Fernand Braudel e a “École des Annales” consideram haver três tempos: o mais longo, pertencente às ciências da natureza; outro intermédio, o das categorias económicas; e, finalmente, o mais curto, onde se integra a História Política.

Em particular, depois da 2ª. Guerra Mundial, com a preocupação do bem-estar das populações (base do “planeamento regional”, como demonstra Karl Manheim no seu célebre livro *“Planning for Democracy”*) exige-se a inclusão da Ciência Económica, como peça basilar para a eficácia do estudo da Geografia, no seu mais amplo sentido.

Compreender os mecanismos do crescimento económico é, hoje mais do que nunca, a mais urgente tarefa da Ciência Económica. A única via segura de combate à pobreza é o crescimento económico.

A compreensão dos processos temporal e espacial do desenvolvimento tem vindo a sofisticar-se.

O desenvolvimento ocorre de forma de forma irregular, primeiro no tempo e depois no espaço.

W. W. Rostow, russo naturalizado americano, esquematizou a dimensão temporal do desenvolvimento, comparando-a ao “take-off” e subida de um voo de avião. As suas ideias baseavam-se na história económica europeia e foram rapidamente postas em causa por diversos autores, em particular pelos teóricos da dependência, que afirmaram que se se levasse a imagem do avião até às suas últimas consequências, se chegaria certamente à queda do avião, para muitas economias do Terceiro Mundo.

Outra versão da irregularidade do desenvolvimento no tempo é dada pela teoria dos ciclos, da autoria de um outro russo, Kondratiev. Existi-

## *O Tempo na Geografia*

riam ciclos de longa duração, durante os quais lidera um determinado tipo de tecnologia e em que dominam os bens que lhe estão associados. A um ciclo de grande crescimento segue-se uma fase de estagnação ou mesmo de retrocesso. As teorias de Schumpeter, que ligam inovação com o papel do empresário e do risco, vêm corroborar a lógica de Kondratiev.

Mas o desenvolvimento é também um fenómeno espacial: tende a ser altamente concentrado – em especial durante os últimos duzentos anos – em centros urbano-industriais. Segundo dados do Relatório do Desenvolvimento Humano da ONU, publicados há cerca de dois meses, pela primeira vez na história, a população urbana ultrapassa os 51% da população mundial.

Estes centros podem gerar efeitos de arrastamento ou podem manter-se concentrados no núcleo inicial.

*Mas o importante é a natureza concentrada e cumulativa do desenvolvimento: quer no espaço geográfico e nos espaços abstractos da finança quer, também, no tempo. Esta era a ideia-força de François Perroux, cujo trabalho foi desvirtuado pela sua utilização como instrumento de planeamento, de eficácia duvidosa.*

### **Conclusão**

O paradigma da complexidade impõe-se para a compreensão das práticas humanas.

A concepção do tempo é descontínua e diversa. E o mesmo ocorre para o espaço.

Ou, como diria, São Tomás de Aquino: “Causa una, causa nula”.

### **Bibliografia**

- BUTLIN, Robin A. (1993) – *Historical Geography Through the Gates of Space and Time*, Arnold, London.
- CARR, E.H. (1939) – *The Twenty Years' Crisis 1919-1939*, The MacMillan Press, London.
- CLARK, Grahame (1992) – *Space, Time and Man. A Prehistorian's View*, Cambridge University Press.
- FOX, Edward Whiting (1971) – *History in Geographic Perspective*, W.W. Norton, New York.
- HALL, Peter / PRESTON, P. (1988) – *The Carrier Wave: New Information Technology and the Geography of Innovation 1846-2003*, Unwin Hyman, London.

## *Tempo, Temporalidades, Durações*

- HAWKINS, Stephen W. (1988) – *Uma Breve História do Tempo: do “Big Bang” aos Buracos Negros*, Círculo do Livro, Lisboa.
- INWOOD, Michael (1992) – *Dicionário de Hegel*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- KOJÈVE, Alexandre (1947) – *Introduction à la Lecture de Hegel*, Gallimard, Paris.
- KÖHLER, W. (1969) – *The Mentality of Apes*, Kegan Paul, London.
- MASSIGNON, Louis (1983) – *Le Temps dans la Pensée Islamique*, Editions du Seuil, Paris.
- MORRIS, Arthur (1998) – *Geography and Development*, UCL Press, London.
- NIEBUHR, Reinhold (1943) – *The Nature and Destiny of Man. Vol II: Human Destiny*, The Scribner Library, New York.
- PARKERS, D.N. / THRIFT, N.J. (1980) – *Times, Spaces, and Places. A Chronogeographic Perspective*, John Wiley & Sons, New York.
- PERROUX, François (1955) – *Note sur la Notion de Pole de Croissance*, “Économie Apliquée”, Vol.1, 2.
- PNUD (Ed.) (1998) – *Relatório do Desenvolvimento Humano 1998*, Lisboa.
- ROSTOW, W. W. (1960) – *The Stages of Economic Growth. A Non-Communist Manifesto*, Cambridge University Press, Cambridge.
- SCHAEFFER, Francis (1972) – *Genesis in Space and Time. The Flow of Biblical History*, InterVarsity Press, Illinois.
- SCHUMPETER, J. A. (1939) – *Business Cycles: A Theoretical and Historical Analysis of the Capitalist Process*, McGraw-Hill, New York.

### **Abstract:**

The concepts of “time” and “space” are embedded in all human productions.

But the concepts of “time” and “space” in the contemporary thought don’t have a homogeneous character anymore.

To Hegel, a “Universal History” demands for a “Universal Geography”, as a counterpart. Space is a dimension of historical philosophical time.

The contributions of geographers as Humboldt, Ritter, Huntington and Burton to the knowledge of other societies was determinant to surpass a linear vision of time. This scientific evolution has its utmost peak in Albert Einstein and his relativity theory.